

PEDAGOGIA E PEDAGOGOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS REMOTOS

PEDAGOGY AND PEDAGOGES OF CHILDHOOD EDUCATION IN REMOTE TIMES

Renata de Moura Santos Lorzing¹

Vanessa Aparecida Marconato Negrão²

Resumo

Este trabalho traz a narrativa das mudanças do cotidiano de estudo de duas professoras de uma mesma instituição escolar da rede pública municipal de Sorocaba durante o período de 16 de março de 2020 a junho de 2020, quando foi decretado o período de isolamento social. Este é o relato acerca de seus anseios e de suas aflições, experiências e expectativas desse tempo.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Isolamento social. Educação remota.

Abstract

This work brings the narrative around the changes of study routine from two teachers in the same school institution of public education in Sorocaba during the period of March 16 until June 2020 when was decree the social isolation period. This is the report around their anxious, afflictions, experiences, and expectations about those times.

Keywords: Childhood education. Social isolation. Remote Education

A educação infantil no chão da escola.

O Centro de Educação Infantil Engenheiro João Salerno, no qual estamos lotadas, pertence à Prefeitura Municipal de Sorocaba, está localizado na Zona Oeste da cidade, num bairro periférico, onde a grande maioria das famílias atendidas é das camadas sociais classificadas como C e D.

¹ Professora de Educação Infantil da rede pública municipal de Sorocaba (SP). Mestranda em Educação pela UFSCar, Sorocaba (SP). E-mail: re.mstos@gmail.com

² Professora de Educação Infantil da rede pública municipal de Sorocaba (SP). Mestranda em Educação pela UNISO-Universidade de Sorocaba. E-mail: vanessamarconato@yahoo.com.br

Entre manhã e tarde, a escola conta com cerca de 480 alunos entre 4 e 6 anos. Cada sala abriga 30 crianças.

Ambas somos professoras de Educação Básica, estatutárias e, há mais de dez anos na rede municipal, atuamos no chamado Pré II, que atende crianças de 4 e 5 anos. Somos mestrandas em educação, em seu segundo ano do curso.

Enquanto colegas de trabalho, temos convergências e divergências. Nossa concepção de infância, - haja vista os anos de convivência e diálogo - muito se parecem. A ideia de tornar as crianças protagonistas do processo educativo e priorizar o brincar em todos os seus matizes nos une de sobremaneira, o que minimiza eventuais divergências. O exercício diário de “desconstrução” do lugar comum na educação é um ideal compartilhado, e o que norteia o nosso trabalho.

Quando a pandemia foi anunciada, estávamos no fim do primeiro mês do ano letivo, começando a aprofundar uma relação de confiança, construindo coletivamente regras de convivência, nos adaptando uns aos outros. Fomos até 18 de março de 2020.

*Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Índio, mulato, preto, branco
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Filhos, amigos, amantes, parentes
Riquezas são diferentes
Ninguém sabe falar esperanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Todos sabem usar os dentes
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Fracos, doentes, aflitos, carentes
Riquezas são diferentes
O Sol não causa mais espanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças
A morte não causa mais espanto
O Sol não causa mais espanto
A morte não causa mais espanto
O Sol não causa mais espanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças*

*Índio, mulato, preto, branco
Filhos, amigos, amantes, parentes
Fracos, doentes, aflitos, carentes
Cores, raças, castas, crenças
Em qualquer canto miséria
Riquezas são miséria
Em qualquer canto miséria”*

(Araldo Antunes, Paulo Miklos, Sérgio Britto)

Já diziam os Titãs, em sua “música-sucesso” dos anos 80, que “Miséria é miséria em qualquer canto. Riquezas são diferentes”. Há anos, décadas, talvez séculos, os marginais da sociedade estão no mesmo lugar: à parte. A música do final dos anos 80 evidencia a condição da gente excluída do mundo, principalmente na nossa realidade, que é o Brasil. Parece que viver os tempos atuais é como se a vida imitasse a Arte, mesmo parecendo clichê. E por que clichê? Porque sabemos há tempos que a vida imita a Arte e que nunca a valorizamos da forma como deveríamos. Em tempos “assim”, nunca precisamos tanto dela em nosso cotidiano, em nossos sonhos e nossas esperanças, enfim, em nossas vidas.

Mas o que são os tempos “assim”? Estamos na metade do ano de 2020 e desde meados de março vivemos um período de distanciamento social, que forçou a todos a viverem suas vidas em casa e com o mínimo de contato social possível. E por quê? A pandemia do novo Coronavírus. Descoberta inicialmente na China, por volta de dezembro do ano passado, partindo de um mercado popular da cidade de Wuhan, transmitido de animal para humano pela primeira vez. De acordo com o Ministério da Saúde,

Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. [...] Os primeiros Coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito com este nome, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo coroa. A maioria das pessoas se infecta com os Coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem com o tipo mais comum do vírus [...] (BRASIL, 2020).

E quantas informações tivemos nos últimos tempos, quantas mudanças de hábito, de vida e de tudo!

Então, por que buscar esses conceitos da saúde para a escrita de um artigo sobre pedagogia? Porque estamos todos envolvidos com essa nova forma de vida e a escola, assim como outros setores da sociedade, é amplamente afetada.

Começamos essa trajetória em Sorocaba, no dia 18 de março de 2020, quando o presente documento instrui que “Ficam suspensas as aulas, no período de 23 de março a 03 de abril, em todas as instituições educacionais da rede municipal de ensino do Município de Sorocaba, incluindo as de gestão compartilhada”. O quão isso mexeu com as nossas vidas e com as vidas das nossas crianças. Era só o início de uma suspensão “dura” e longa. Hoje, passados quase três meses de suspensão das aulas, ainda nos perguntamos como estão essas crianças e como viabilizar canais de escuta para essas famílias. Nossa escola está localizada no bairro Júlio de Mesquita, e atende a uma comunidade “mista” economicamente falando. Possivelmente, há crianças brincando com seus pais em suas casas, assistindo ao “Território do brincar” e há crianças “furando” o isolamento social, brincando nas ruas sem máscara, aglomerados, expostos ao risco de contágio e vulneráveis à fome e a outros tipos de enfermidade.

Muitas críticas vêm sendo feitas à nossa rede de ensino (Prefeitura de Sorocaba), especialmente por pais e mães, avós e avôs, tios e tias que cobram as atividades para que as crianças as realizem em casa, segundo eles, para não ficarem “atrasados”. Tornou-se público e ficou aprovado em 28 de março, o documento que reorganiza e autoriza o cômputo de atividades não presenciais como parte do cumprimento da carga horária anual, devido à pandemia da COVID-19. A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, até então não poderia se enquadrar no sistema de ensino a distância, por suas peculiaridades. Podemos corroborar tais particularidades, visitando as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), a qual nos traz como eixos da Educação Infantil, as interações e a brincadeira. De acordo com sua proposta, “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2009, p. 27). Ainda sobre essa questão, encontramos no portal do MEC trecho que reafirma que, apesar das atividades a distância estarem autorizadas para crianças pequenas e crianças bem pequenas, a orientação para creches e pré-escolas é que seus gestores encontrem uma forma de realizar uma aproximação com as famílias, no intuito de que os laços criados entre escolas e famílias sejam intensificados. Mais do que isso, sugere que “As soluções propostas pelas escolas e redes de ensino devem considerar que as crianças pequenas aprendem e se desenvolvem brincando prioritariamente” (BRASIL, 2020).

Portanto, é possível considerar que uma educação a distância para a primeira etapa da Educação Básica pode se apresentar como inviável e pouco produtiva. Como vimos nas

Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, crianças aprendem e se desenvolvem por meio das interações e da brincadeira. Por isso, o contato com outras crianças e com os adultos é fundamental nesse processo. É difícil conceber a Educação Infantil como um ensino pautado em telas eletrônicas e papéis que tragam atividades repetitivas, de treino, ou que façam alguma alusão à alfabetização precoce. Sobre esta afirmação, apresentamos o seguinte excerto:

[...] educação infantil é mão na massa, é corpo a corpo, é toque, olho no olho, é estar junto e misturado. É viver a realidade e dar asas à fantasia, sonhando com meninas e meninos, com sensibilidade para acolher o algo mais que pode surgir debaixo de uma caixa, num pano amarrado nas costas, nas xícaras de chá e café oferecidas na casinha, nos blocos empilhados ou nas massinhas misturadas. É fazer renascer todo dia, como professoras, a criança que fomos ou que desejávamos ser, e proporcionar às crianças com as quais convivemos, a certeza de que podem ser, de que seus direitos são respeitados, de que suas interações e brincadeiras têm lugar assegurado (SOARES, *In: OSTETTO*, 2019, p. 154-155).

E como, então, garantir esses direitos com uma educação a distância, pautada em apostilas, papéis soltos ou telas de TV, computador ou qualquer outro meio eletrônico? Segundo a autora, “educação infantil é mão na massa, é corpo a corpo, é toque, olho no olho, é estar junto e misturado”. Esse vínculo é realmente muito forte e potente. Não imaginamos a Educação Infantil sem toque, sem olho no olho. Imaginemos aqui como seria a rotina de uma criança pequena ou bem pequena no período de isolamento. Se a situação financeira dessa família é “estável” e há muitas maneiras de se cumprir o isolamento social sem riscos ou de maneira prazerosa, essa criança/família é privilegiada. Com tudo isso virá o “bônus” da educação a distância, com todo o aparato tecnológico necessário. Caso a situação econômica dessa família seja parca, especialmente nesse momento de pandemia, como cumprir o isolamento social e encontrar no dia a dia atividades que ocupem seu tempo e que façam com que seus dias se tornem melhores? Com isso, ainda temos o “ônus” de equipamentos tecnológicos que possibilitem a educação a distância.

Portanto, vemos aqui que não se trata “apenas” da Educação Infantil suplicar por contato físico, interação, brincadeira, olho no olho, toque e que, assim, não podemos pensar numa educação a distância que faça cumprir o papel do desenvolvimento nessa etapa da Educação Básica. Mais do que isso, essa educação do “faz-de-conta” para crianças pequenas e bem pequenas muito possivelmente não chegará a todas as crianças, principalmente as da periferia, que tanto dependem de políticas públicas apenas para existirem. Essas crianças não se tornaram

pobres da noite para o dia por conta da pandemia. Elas sempre foram invisíveis e sempre gritaram para dizer que estavam aqui. Não é “só” a pandemia que está causando a fome e a miséria de comida e conhecimento a essas crianças e a essas famílias, é toda uma história de séculos de desigualdade e desesperança. Boaventura traz grande contribuição quando traz essa questão de maneira clara, objetiva e verdadeira. Tal excerto nos leva a refletir sobre as muitas formas como a pandemia bateu à porta não só dos brasileiros e brasileiras, mas àqueles que pertencem ao “sul” (do hemisfério):

Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população. [...] são os grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela. Tais grupos compõem aquilo a que chamo de sul. Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual. Proponho-me analisar a quarentena a partir da perspectiva daqueles e daquelas que mais têm sofrido com estas formas de dominação e imaginar, também da sua perspectiva, as mudanças sociais que se impõem depois de terminar a quarentena. São muitos esses coletivos sociais (SANTOS, 2020, p. 15).

A dureza dessas palavras nos leva, mais uma vez, a pensar nas condições de vida que muita gente do nosso país enfrenta durante essa pandemia. Ainda de acordo com Santos (2020), esses grupos sociais seriam as mulheres; os trabalhadores informais (autônomos); os trabalhadores da rua; os sem-teto ou a população em situação de rua; os moradores pobres das cidades, das favelas; os refugiados/imigrantes sem documentação e deslocados internamente; os deficientes e os idosos. Mas, como ele próprio disse anteriormente, essa lista não se esgota aqui e, sim, revela a injustiça, a discriminação social, a exclusão social e o sofrimento desmerecido que ela acarreta. Por essas e outras, o confinamento e a educação a distância ficam cada vez menos possíveis para uma grande parcela da população, especificamente no Brasil.

Minha preocupação com os meus alunos disparou à medida que a quarentena se estendia. Temos casos de vulnerabilidade social, crianças que vêm para a escola sem almoçar, e aguardam ansiosamente a hora do lanche. Temos crianças que buscam a companhia dos adultos da escola constantemente, para relatar amenidades ou algum desconforto. Algumas vezes buscam só um abraço.

O abraço, nisso que eu mais penso, minha função é, sobretudo, a de abraçar. Mais do que professora, eu sou uma “abraçadora”. Minhas atribuições consistem em ensinar, proteger, cuidar.

Esse contato físico faz meus dias mais claros, dão mais sentido à minha existência. Vai ser difícil conter os abraços, esse é o gesto que eu mais imagino para o dia do reencontro. Embora tenhamos agora uma expectativa de retomada para o início de julho, os dias passam trazendo indícios de que ela talvez não seja possível. Que perdemos não só o semestre, mas o ano.

Perdemos mesmo? Minha teoria é que mesmo a derrocada econômica, mesmo o não aproveitamento do ano letivo, quem ganha mais com tudo isso são as crianças. Coloque-se no lugar delas. O que poderia ser mais legal do que as férias? Férias fora do tempo. E com o acréscimo da companhia dos pais. Aqueles que nunca estão em casa, que estão sempre ocupados ou cansados. Ou as duas coisas.

Claro que sei que, nesse caso (no bairro periférico onde minha escola está instalada), a regra é exceção, muitas crianças não contam com a presença dos pais, que tiveram que continuar trabalhando, ou por ser parte dos serviços essenciais, ou por não ter a possibilidade de contar com auxílios emergenciais e estabilidade salarial. Nesse caso, muitos estão sob o cuidado dos avós, dos tios, dos irmãos mais velhos, dos vizinhos, e assim por diante.

Ninguém imaginava as proporções dessa pandemia. Eu mesma não acreditava que ficaríamos em casa por tanto tempo, no máximo por duas ou três semanas. E muita gente continua me perguntando: as crianças vão perder o ano? O que é perder para você?

Quando as crianças passaram a ingressar no ensino fundamental aos seis anos, ao invés de sete, elas ganharam o quê?

Tempo. Tempo de quem? Tempo dos adultos, porque tempo para elas é que não foi... Um ano a menos na pré-escola, um ano a menos de parquinho, um ano a menos de tanque de areia, um ano a menos de massinha de modelar.

A plasticidade cerebral de uma criança é plena aos sete anos. Alguém pode dizer: mas essa maturidade pode ser atingida aos 6 anos e três meses, aos 6 anos e cinco meses.

Sim. Mas temos certeza de sua plenitude aos sete anos completos. Antes disso, o que ela faz é decorar, copiar, reproduzir.

A frase de Paulo Freire repetida à exaustão ainda custa a ser assimilada: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra"

Agora, querido pai, querida mãe, querido especialista, eu é que lhe pergunto: será um ano perdido? Ou será uma oportunidade única de devolvermos às crianças aquele ano da infância que um dia lhe foi tirado?

Edgar Morin, hoje com 99 anos, é um pensador que pulsa no presente com seus “Sete saberes necessários à educação do futuro” Em 1999, quando escreveu esse livro, propôs uma reflexão sobre uma série de fatos históricos.

“Quem teria pensado, na primavera de 1914, que um atentado cometido em Sarajevo desencadearia a guerra mundial que duraria quatro anos e que faria milhões de vítimas?”

Quem teria pensado, em 1916, que o exército russo se desagregaria e que um pequeno partido marxista, marginal, provocaria, contrariamente à própria doutrina, a revolução comunista em outubro de 1917?

Quem teria pensado, em 1918, que o tratado de paz assinado trazia em si os germes da Segunda Guerra Mundial, que arrebentaria em 1939?

Quem teria pensado, na prosperidade de 1927, que uma catástrofe econômica, iniciada em 1929, em Wall Street, se abateria sobre o planeta?

Quem teria pensado, em 1930, que Hitler chegaria legalmente ao poder em 1933?

Quem teria pensado, em 1940-41, afora alguns irrealistas, que o formidável domínio nazista sobre a Europa?

Quem teria pensado, em 1943, durante a plena aliança entre soviéticos e ocidentais, que a guerra fria se manifestaria três anos mais tarde entre estes mesmos aliados?

Quem teria pensado, em 1980, afora alguns iluminados, que o Império Soviético implodiria em 1989?

Quem teria imaginado, em 1989, a Guerra do Golfo e a guerra que esfacelaria a Iugoslávia? Quem, em janeiro de 1999, teria sonhado com os ataques aéreos sobre a Sérvia, em março de 1999, e quem, no momento em que estas linhas são escritas, pode medir suas conseqüências?”

(MORIN, 1999, p. 80 e 81)

Quem teria pensado que, em 2020, no fluxo desesperado do século XXI, a vida se suspendesse em decorrência de uma pandemia mundial? Que professores ficariam reféns dos meios de comunicação remota (que sempre foram alvo de críticas ferozes)? Que as crianças tão acostumadas à terceirização da atenção adulta liberariam esse afeto represado há tanto tempo? Quem teria pensado?

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 10 jun.2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação Infantil. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=112015>; Acesso em: 12 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP n. 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em:

https://www.cnm.org.br/cms/images/stories/comunicacao_novo/links/04042020_Parecer_CNE_CP_5_2020.pdf. Acesso em: 12 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é Covid-19**. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra – Portugal: Almedina, 2020.

SOARES, Angélica Costa da Silva. Ao infinito e além: desafios e experimentações de um grupo na Educação Infantil. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Registros na Educação Infantil: Pesquisa e prática pedagógica**. 7. reimpr. Campinas (SP): Papyrus, 2017.